

PARA RECUPERAR A EXPERIÊNCIA VIVIDA: A GEOGRAFICIDADE MANIFESTADA NO POEMA SUJO

To recover the lived experience: the geographicity manifested in the Poema sujo

Mozart de Sá Tavares Júnior¹
Valéria Cristina Pereira da Silva²

RESUMO

Escrito entre maio e outubro de 1975, Poema sujo, do poeta maranhense Ferreira Gullar é um longo poema dedicado às memórias do escritor para com a cidade de São Luís, no qual podem ser encontradas referências à sua geografia afetiva da cidade: lugar, geograficidade e tempo. Sabemos a partir da abordagem fenomenológica que sujeitos são lugares, carregam os lugares dentro de si e no caso de um poeta como Ferreira Gullar a cidade surge como lugar sensível. A literatura, aqui, tem lugar de destaque como um objeto de diálogo para compreendermos como se iniciam, se concretizam e são representados os vínculos viscerais do homem com a Terra. Além do aporte teórico da fenomenologia, este trabalho tem como metodologia interpretar a obra de Ferreira Gullar à luz dos conceitos da Geografia Cultural, tais como a geograficidade, a geopoética e o vivido, ligando a obra, os dados biográficos de F. Gullar à cidade de São Luís. Investigando as páginas como a tessitura da cidade na consciência e indo à obra como se fosse um campo, buscando, de um lado, as marcas de São Luís no poema e de outro as marcas do poeta em São Luís.

Palavras-chave: Geograficidade. Lugar. Ferreira Gullar. São Luís.

ABSTRACT

Written between May and October 1975, Poema sujo, by the poet from Maranhão Ferreira Gullar, is a long poem dedicated to the writer's memories of the city of São Luís, in which references to his affective geography of the city can be found: place, geographicity and time. We know from the phenomenological approach that subjects are places, they carry places within themselves and in the case of a poet like Ferreira Gullar, the city emerges as a sensitive place. Literature, here, has a prominent place as an object of dialogue to understand how the visceral bonds between man and the Earth begin, are concretized and are represented. In addition to the theoretical contribution of phenomenology, this work uses the methodology of interpreting Ferreira Gullar's work in light of the concepts of Cultural Geography, such as geographicity, geopoetics and lived experience, linking the work, F. Gullar's biographical data to the city of São Luís. Investigating the pages as the fabric of the city in consciousness and approaching the work as if it were a field, searching, on the one hand, for the marks of São Luís in the poem and, on the other, for the marks of the poet in São Luís.

Keywords: Geographicity. Place. Ferreira Gullar. São Luís.

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão. mtavares23@gmail.com.

✉ Avenida Esperança, Campus Samambaia, Goiânia, GO. 74690900.

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. vpcsilva@hotmail.com.

✉ Avenida Esperança, Campus Samambaia, Goiânia, GO. 74690900.

INTRODUÇÃO

“Sou um poeta do Nordeste brasileiro, um poeta do Maranhão, da cidade de São Luís do Maranhão. Sou um poeta da Rua do Coqueiro, da Rua dos Afogados, da Quinta dos Medeiros, do Caga-Osso, da Rua do Sol e da Praia do Caju” (Gullar, 1978, p. 13), assim Ferreira Gullar, se define, não deixando margens para dúvidas de que ele enquanto poeta é vinculado a cidade de seu nascimento e criação. Nesta breve autobiografia, ele toca em pontos fundamentais para a compreensão da realidade geográfica que habita nos sujeitos: o espaço, uma vez apreendido e enraizado pelo homem, não sai do seu íntimo, permanece.

O homem quando está ligado à sua terra (Dardel, 2011), sente a necessidade de expor aquilo que para ele melhor constitui essa ligação. Como se trata de algo essencialmente idiossincrático, tais expressões dessa afetividade, ou melhor, dessa geograficidade, podem variar de indivíduo para indivíduo e assim tornando-a em realidade, porque apesar de se tratar de algo, por vezes, subjetivo ou simbólico, é na representação que ele ganha vida.

Um dos traços fundamentais da poesia do maranhense Ferreira Gullar é sempre retornar à sua terra, a São Luís de sua infância e adolescência. Uma característica singular da ideia de identificação com o espaço é justamente trazê-lo consigo, carregá-lo por onde for, ou seja, o espaço não sai do seu corpo, da sua memória, da sua vida. O poeta, em exílio na Argentina entre os anos de 1974 a 1977, concebe uma das obras mais importantes da poesia brasileira: **Poema sujo**.

Trata-se de um longo poema, no qual o poeta relembra a São Luís dos anos de 1940 que ainda resistem em permanecer na sua memória. A cidade no poema é apresentada como um amálgama de

tudo que a melhor define: o cotidiano, o povo, ruas, avenidas, casas, a política, a miséria, a desordem, odores e sabores, e sem dúvidas, a particularidade das belezas e encantos da cidade de São Luís.

Cidade e poesia, geografia e literatura. Uma vez mais, os entrelaçamentos destas duas criações humanas podem gerar resultados profícuos. Decerto, a literatura tem, em seu âmago, questões relativas às mais diversas esferas da condição humana. Escritas por prosadores e poetas, tais questões têm a capacidade de evocar lugares, simbolizar paisagens, demonstrar geograficidade latente do personagem, apresentando cenas e cenários espaciais onde os dramas e as tramas humanas acontecem. Assim, a literatura é um campo aberto à imaginação, em que o escritor propõe possíveis aberturas às fronteiras do imaginário e adentra um mundo no qual o real e fictício confundem-se.

Quando ao trazer o mundo já conhecido, mas ao mesmo tempo rico de novas possibilidades, o escritor compartilha com o leitor/geógrafo a terra como um paleta de cores, como vamos observar a partir de diversos escritores muito diferentes entre si, de que a geografia ao se banhar nas águas da prosa poética pode ser uma fonte inesgotável: como o personagem Marcovaldo de Ítalo Calvino, que está à procura de encontrar um lugar na cidade para chamar de seu: Ele “[...] está sempre pronto a redescobrir, dentro do mundo que lhe é hostil, a fresta de um mundo feito à sua medida; ele nunca se rende, está sempre pronto a recomeçar” (Calvino, 1994, p. 140).

Partindo dessas leituras, o leitor tem em suas mãos a possibilidade de pertencer a outro mundo, de ser e estar, representativamente, em outro espaço, percebendo e experienciando a vida por uma nova lente, e, com sorte, pode até ali se encontrar como ser. Nesse sentido, Ferreira Gullar, através de sua escrita poderosa, escreveu em Buenos Aires (Argentina) um poema sobre – não somente – São

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

Luís (Brasil), em um dos períodos mais conturbados da recente história da democracia latino-americana, ampliando assim o poder das fronteiras imaginárias e concretizando a memória como auxiliadora de sua produção poética:

O Poema sujo deve muito a Buenos Aires, não estritamente em conteúdo, haja vista que quase não a reflete-no que é próprio dos elementos internos da forma estética –, mas, sim, à própria condição de realidade para a sua realização. Uma geograficidade participativa em meio a uma cidade (Buenos Aires) de esfera de significados asfixiantes (ditaduras, campos de concentração, raptos, assassinatos, torturas etc.), em meio a um país (Argentina) com moral cívica em frangalhos (militarismo, autoritarismo, fascismo etc.), em meio a um subcontinente (América Latina) mutante em constante delírio (generais, presidentes de caserna etc.) (Marinho, 2010, p. 68).

É a memória do poeta, permeado pela imaginação, que é o fio condutor do **Poema Sujo**, assim, “retornar ao passado é geograficamente lançar-se para si mesmo” (Silva, 2015, p. 61). Ferreira Gullar, num momento de angústia causada pelo exílio, volta-se para si e através da geografia de suas memórias traz a São Luís de sua meninice: cheia de vida, de sabores, cores, odores. Portanto, o criador – o poeta – e a sua criação – o “eu lírico” –, estão em plena consonância para a compreensão da geograficidade.

Antes do Poema sujo, e que nele se concretizou, vinha pensando na necessidade de retomar, de escrever alguma coisa sobre a minha vida em si... Tenho, aí, a impressão que se juntaram as duas coisas: a necessidade de dizer tudo enquanto houvesse tempo e a necessidade de retomar o vivido. Entretanto, na hora de fazer, o que quero dizer é o que está dito. O poema é a própria decifração de si (Gullar apud Marinho, 2010, p. 125).

Marandola Jr. (2012, p. 229), afirma que “[...] a memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o enquanto tal. Não é

à toa que pensar em lugar é mais fácil recuando no tempo: lugar de nascimento, lugar de lembranças, lugar de saudade [...]”. Ao escrever o longo poema, o poeta eterniza São Luís nas linhas de sua poesia, fazendo um retorno a sua infância e adolescência, reafirmando que entre o poeta e sua cidade está inclusa uma relação indissociável.

Nesse sentido, a poderosa escrita poética de Ferreira Gullar, que será discutida a seguir, configura com mais uma abertura à possibilidade de compreensão que o homem pode ter da sua terra, a partir, é claro, da perspectiva antropocêntrica. Portanto, é útil entendermos pelo olhar sensível, arguto e íntimo do poeta, essas relações, como por exemplo, o homem e a cidade em que ele habita, porque, “qualquer pessoa que examine o mundo ao redor de si, é de algum modo, um geógrafo” (Lowenthal, 1982, p. 105).

Poema Sujo é uma obra que transcende a mera narrativa das memórias do autor em relação à cidade de São Luís. Este artigo é uma exploração da relação entre o homem e o espaço, abraçando os princípios da geografia humanista de base fenomenológica. Gullar nos conduz a uma jornada através das entranhas da cidade e do tempo, não apenas como elementos físicos, mas como construções subjetivas e emocionais.

A geograficidade da obra se manifesta na maneira como o autor explora a cidade como um espaço vivo, cheio de significado e emoção. Gullar nos leva a uma viagem sensorial pelas ruas, becos e praças de São Luís, onde o espaço se transforma em palco para as memórias e experiências do poeta. É nessa interação entre o homem e o espaço que a geografia humanista se revela em sua plenitude, destacando como nossa ligação com a Terra é, em última instância, uma experiência subjetiva.

Além disso, o poema de Gullar também ressalta a importância do tempo na construção dessa relação geográfica. O exílio do autor

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

acrescenta uma dimensão temporal complexa, onde o passado e o presente se entrelaçam em uma dança contínua de lembranças e sentimentos. Isso ilustra a ideia de que a geografia humana não é estática, mas fluida e moldada pela passagem do tempo.

A fenomenologia, como método, concentra-se na experiência subjetiva, intersubjetiva e na percepção do mundo ao nosso redor, e isso se reflete na obra de Gullar de várias maneiras. Em primeiro lugar, o poema mergulha profundamente nas memórias e experiências pessoais do autor, enfocando a subjetividade da vivência da cidade. Como bem observa Merleau-Ponty (2003, p. 21), “reconhecer à ciência e aos conhecimentos científicos um valor tal que toda a nossa experiência vivida se encontra, de uma penada, desvalorizada”, nesse sentido, a ciência fenomenológica vem a resgatar o valor da experiência – direta e indireta – do homem com o mundo.

Também podemos ver que a abordagem fenomenológica destaca a importância de entender o espaço não apenas como um ambiente físico, mas como um local onde as experiências humanas são vivenciadas. Além disso, a obra também incorpora a dimensão temporal da fenomenologia, examinando como o passado e o presente se cruzam na relação entre o autor e a cidade.

Poucos têm a capacidade de exprimir a sua relação com o mundo, mas, através de sua poesia Gullar (2015, p. 565) tem a receita para que essa expressão possa surgir: “[...] que eu possa/cada vez mais desaprender/de pensar o pensado/e assim poder/reinventar o certo pelo errado”. Por isso é necessário buscarmos na arte literária essa expressão de cumplicidade, de aprendermos os mundos únicos de poetas e escritores, originários da imaginação e memórias, imbuídos de sentimentos, permeados de sensibilidade estética e, que, tal como um rio desemboca no mar, esse mundo que está grafado nos livros

encontra no homem a sua concretude, porque não existe realidade sem imaginação.

E A CIDADE ESTÁ NO HOMEM QUE ESTÁ EM OUTRA CIDADE

O homem está na cidade como uma coisa está em outra e a cidade está no homem que está em outra cidade
Ferreira Gullar (2015, p. 341)

Para entendermos o contexto e as motivações que levaram o poeta maranhense a escrever os versos, que hoje, são clássicos e fundamentais, poderíamos recorrer a comentadores e estudiosos da poesia de Ferreira Gullar, mas nesse caso, optamos por ir direto a fonte, ou seja, ao poeta e extrair dele o seu relato daqueles tempos, escutar a sua verdade, a sua percepção do que viveu. No primeiro momento, ele fala sobre o contexto que ele e a América Latina estava passando:

Eu escrevi o livro em condições muito dramáticas, difícil porque eu estava exilado na Argentina. Já depois de vários anos de exílio e bastante apreensivo com o que estava acontecendo na Argentina onde começava um movimento para também derrubar Isabelita, do governo eleito – eu havia saído do Chile onde tinha ocorrido a queda do presidente Salvador Allende. Então eu via compreensão, eu tinha notícias também dessa ligação da polícia brasileira, da polícia secreta militar, juntas com os argentinos e chilenos, uma rede para prender os chamados subversivos como nós, e por isso eu vivia numa situação difícil, não tinha para onde ir, meu passaporte tinha sido cancelado pelo Itamaraty, então eu escrevi o poema assim, como eu costumo dizer: como se eu escrevesse a última coisa da vida, enquanto é tempo eu vou escrever, que me resta escrever. O poema foi assim (Gullar, 2013, p. 1).

E o **Poema sujo** surge como? O que levou o poeta a escrever sobre a sua casa, memorando sua vida na fase inicial, trazendo

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

à tona memórias antes guardadas e que agora se fizeram necessárias externá-las? O poeta nos diz o seguinte:

Foi uma coisa inesperada porque o que eu tinha em mente era escrever algo sobre São Luís do Maranhão, sobre a vida que levei ali. Isso era o que preexistia muitos anos antes, e tentei então fazer uma novela em que eu narrava os fatos de minha infância e de meu convívio com as pessoas que eu conhecia. Na primeira tentativa desisti ao chegar à página 90; depois de duas outras versões, desisti da tal novela. Mais tarde, quando eu já me encontrava no exílio, em condições bastante difíceis, quando parecia que minha vida correria perigo porque eu estava cercado por ditaduras sem poder voltar para meu país, com meu passaporte cancelado pelo Itamaraty e num país em que as pessoas estavam sendo explodidas com dinamite, decidi então escrever um poema em que pudesse dizer tudo o que eu tinha ainda a dizer, enquanto era tempo. No fundo foi isso. [...] Não era um poema-testamento, mas um poema derradeiro, definitivo, isso é o que ele era [...]. Mas logo em seguida o poema começou a crescer, e seu desenvolvimento foi muito favorecido pelo ócio em que eu vivia como exilado, já que minha única ocupação era dar aulas de português. O resto do meu tempo era todo livre, e dediquei-o durante meses e meses a este poema. Posso dizer que vivi nessa época uma experiência meio delirante (Gullar, 1998, p. 384-385).

Diante da repressão das forças ditatoriais, Ferreira Gullar só tinha uma opção: o exílio. Mas qual exílio buscar? O exílio dentro de si mesmo, se fechando para o mundo circundante? Ou o exílio para fora do país, buscando respirar, ter algum alento e forças para continuar a viver? O poeta opta pela segunda opção e sai do Brasil para evitar ser preso, deixando para trás sua história e geografia, mas nem por conta dessa situação ele quer deixar para trás sua vida, ele quer trazer consigo algumas lembranças, signos que possam atenuar a saudade:

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quintada pedras da rua da Alegria beiras de casas
cobertos de limos muro de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,

voais comigo
sobre continentes e mares (Gullar, 2015, p. 285).

O lugar nas palavras de Mello (2012, p. 64), “transcende a materialidade, mas não está dissociado desta, pois aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos”, portanto, é compreensível que com a partida de seu lugar de nascimento, ele queira levar consigo tudo aquilo que pode, de uma maneira ou outra, fazer com que aquele lugar permaneça vivo junto de si. Daí a importância, de que Saramago (2012), a respeito do conceito heideggeriano de lugar, relembra que é indissolúvel a vinculação com a ideia de significatividade, que pode ser também compreendida como abertura dos sentidos das coisas. Assim a autora complementa seu raciocínio:

Tal abertura estaria marcada, segundo Heidegger, por dois aspectos: primeiro, pelo fato de que o sentido de tudo o que nos rodeia é revelado mais imediatamente por sua **disponibilidade** e por seu **caráter utilitário**. [...] O segundo aspecto dessa abertura estaria calcado no fato de que **cada coisa traz consigo todo o resto**, ou seja, faz com que apareçam “os outros” (Saramago, 2012, p. 195, destaques no original).

O exílio é “uma fratura incurável” (Said, 2003, p. 46), é uma ruptura brusca entre o homem e o seu lugar, é a quebra da ligação que une o sujeito com a terra. Foi na escrita do **Poema sujo** que Gullar tenta colar ou mesmo recompor os pedaços quebrados por essa fratura? O intelectual palestino Edward Said – um outro exilado – diz que é ela é incurável, mas não é possível que a escrita do poema

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

tente ao menos diminuir a dor da perda com a sua terra? Assim, ele continua sua exposição sobre o tema:

[...] o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia (Said, 2003, p. 47).

As marcas que o exílio traz ao homem podem ser observadas na produção literária, em especial a do século XX, autores como os russos, Vladimir Nabokov, Marina Tsvetáieva, o polonês Joseph Conrad, e os cubanos, Guillermo Cabrera Infante, Reinaldo Arenas, Pedro Juan Gutiérrez, nos trazem em seus livros questões pertinentes sobre desenraizamento, perda da identidade, estranhamento e solidão. Autores tão distintos tanto pela escrita, quanto por suas origens, exílios e geografias, mas que concentram uma característica em comum: a ausência do lar.

Ferreira Gullar teve de se desvincular do seu país, do seu chão, da sua gente, em que pese que os temas brasileiros sempre estiveram presentes, de uma maneira ou outra, em sua poesia para se exilar. Hannah Arendt, em sua monumental análise sobre o totalitarismo que dominou o século XX, diz que “não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma” (Arendt, 2004, p. 528). É interessante pensarmos no impacto do exílio na escrita do escritor, que em certo sentido, continua a escrever para manter viva essas raízes com o seu lugar, ainda que de maneira simbólica e ontológica, buscando nas palavras um conforto em saber que o seu chão, a sua terra irá permanecer no seu ser – no qual jamais poderá ser arrancado ou exilado.

A poesia brasileira, em especial a maranhense, já teve no século XIX outro marco da relação poesia e exílio: Gonçalves Dias publicou **Primeiros cantos** (1846), e nele estava um dos poemas mais conhecidos da poesia nacional, “Canção do exílio”. Separadas por um século, os dois poemas guardam poucas semelhanças, a não ser, é claro, pelo fato de ambos tratarem do exílio e das implicações que ele carrega.

Poema sujo não é nova “canção do exílio”, mas não teria sido escrito se eu não tivesse vivido a experiência do exílio. É certo que, vários anos antes, sentira necessidade de escrever sobre o universo da minha infância e adolescência em São Luís do Maranhão e tentei fazê-lo em forma de romance. Todas tentativas não chegaram à página cem. Foi então que, em maio de 1975, em Buenos Aires, a vontade de reviver aquele universo voltou com um ímpeto maior e outro propósito: fazê-lo como poema (Gullar, 1998, p. 388).

Enquanto, Gonçalves Dias é romântico com São Luís, apenas tratando de suas belezas naturais, dos pássaros que cantam mais belamente e do céu mais azul, Ferreira Gullar não esquece da miséria, da sujeira, do povo que sofre anos após anos na cidade em que o céu tem mais estrelas e a terra mais primores, mas que também:

Da lama à beira das calçadas, **da água dos esgotos** cresciam
pés de tomate
Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins
mais verdes que a esperança
(ou o fogo
de teus olhos) (GULLAR, 2015, p. 286).

Ah, **minha cidade suja**
de muita dor em voz baixa
de vergonhas que a família abafa
em suas gavetas mais fundas
de vestidos desbotados
de camisas mal cerzidas

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

de tanta gente humilhada
comendo pouco
mas ainda assim bordando de flores (Gullar, 2015, p. 328).

O homem se relaciona de múltiplas maneiras com o mundo porque o mundo é múltiplo de possibilidades. A limitação da experiência humana com a terra, ou melhor, a limitação que a ciência moderna impôs sobre o homem é resultado da busca de concentrar em apenas uma visão de mundo. Uma cidade, por exemplo, como a São Luís de Gullar é entendida como um espaço vivido e percebido subjetivamente pelos seus habitantes, que atribuem significado e valor às suas experiências cotidianas nesse ambiente.

Portanto, a inserção desses elementos que compõem a cidade, prova que Ferreira Gullar não era um poeta descolado da realidade brasileira, que nesse caso é apresentada por São Luís. Mas afetividade por sua terra, o cotidiano e a geograficidade são os principais signos que estão no **Poema sujo** e como deixa claro Dardel (2011, p. 41), “podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades” e Gullar em seu poema buscar reassentar suas raízes através de cada um dos versos que o compõem.

NASCIDO NUMA PORTA E JANELA DA RUA DOS PRAZERES

Que me ensinavam essas aulas
de solidão
entre coisas da natureza
e do homem? (Gullar, 2015, p. 293).

Mesmo estando a milhares de quilômetros de sua casa, o poeta conseguiu pôr em versos e estrofes o que Dardel (2011, p. 1), vem a chamar de geograficidade, ou seja, “amor ao solo natal [...]”

uma relação concreta liga o homem à Terra”. A memória, vai ser fundamental na construção do poema e conseqüentemente na aparição da geograficidade. Gullar, assim, vai ao seu modo, ao seu mundo particular, a sua cidade “[...] (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado e (re)criado” (Cavalcante, 2019, p. 22). Nesse sentido, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan toca num ponto importante que pode ser a chave para compreender como é possível escrever sobre sua cidade mesmo não a tendo em sua visão:

Sentir é conhecer: assim dizemos “ele sente isso” ou “ele percebe o sentido disso”. Ver um objeto é tê-lo no foco da visão; é conhecimento explícito. Eu vejo a igreja na colina, eu sei que ela está lá e que é um lugar para mim. Mas é possível que haja um sentido de lugar, talvez o significado mais profundo do termo, sem qualquer tentativa de formulação explícita. Nós podemos conhecer um lugar subconscientemente, mesmo tocando e relembrando fragrâncias, sem o auxílio do olho discriminador (Tuan, 1974, p. 235).

Ferreira Gullar não precisou vir a São Luís para relembrar, recriar ou imaginar a cidade da sua infância e juventude, afinal “essas experiências profundas marcas na minha memória e por isso reaparecem a todo instante em minha poesia (Gullar, 2013, p. 198). O poeta maranhense utilizava a memória e imaginação para trazer a cidade para sua poesia, até porque como nos lembra Merleau-Ponty (2000, p. 5), “o nosso solo, não é aquilo que está diante, mas o que nos sustenta”. A cidade se confunde com ele mesmo, com a sua história, com a sua geografia:

Mas sobretudo meu
corpo
nordestino
mais que isso
maranhense

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

mais que isso
são-luinsense
mais que isso
ferreirense

newtoniense
alziense
meu corpo nascido numa porta e janela da **rua dos Prazeres**
ao lado de uma padaria (Gullar, 2015, p. 290).

A relação concreta que Dardel (2011) nos diz que liga o homem à terra, fica explícita acima. O corpo que nunca deixou de ser nordestino, nem maranhense, e nem “são-luinsense”, apesar da distância que existia entre o poeta e o Nordeste, o Maranhão e São Luís, é a concretude representada no poema. É oferecido uma descrição da existência do ser-no-mundo vinculada diretamente com São Luís. E aqui entendemos esse ser-no-mundo na perspectiva de que “o ser-no-mundo se consubstancia para o ser-na-cidade”, como afirma Holzer (2017, p. 20).

Mas também
quando a gente acorda cedo e fica
deitado assuntando
o processo do amanhecer:
os primeiros passos na rua
os primeiros
ruídos na cozinha
até que de galo em galo
um galo
rente a nós
explode
(no quintal)
e a torneira do tanque de lavar roupas
desanda a jorrar manhã (Gullar, 2015, p. 306).

A permanência da vida no cotidiano é resultado direto da ligação homem-espaco. São estes acontecimentos reais, como ouvir os

passos na rua ao amanhecer, os ruídos que vem da cozinha e que invadem o quarto como som familiar. A geograficidade apresenta uma característica que pode ser vista na impossibilidade de desvinculação entre o homem e a sua terra. Pequenos exemplos, como ouvir os primeiros passos na rua ao acordar ou a explosão do galo no quintal são aquilo que Dardel (2011, p. 15, **grifo do autor**), vai chamar de “[...] um enraizamento, uma espécie de **fundação** da realidade geográfica”.

Esse mundo fundado na realidade geográfica acontece quando percebemos que o mundo natural é compreendido como nosso, ele passa a ser fundamental para que a nossa relação com o mundo seja vivida e não somente despercebida. O mundo que se abre quando o poeta fala do seu quintal, e particularmente, da torneira do tanque de lavar roupas é que entendemos que os elementos do cotidiano que certificam a existência do homem a com a terra, tais como estes apontados por Tuan (2013):

Sentir um lugar leva tempo: isso se faz de experiências em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetido dia após dia e ao longo dos anos. É uma mistura de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. [...] Com o tempo uma casa deixa de chamar a nossa atenção; torna-se confortável e discreta como um velho par de chinelos (Tuan, 2013, p. 224).

Heimat é o termo que o filósofo alemão Martin Heidegger cunhou, no sentido de apresentar a terra “como lar que cotidianamente se habita (e não como solo natal biológico)”, (Besse, 2015, p. 124). Dardel, que bebeu na fonte da filosofia fenomenológica de Heidegger para compor sua geograficidade, nos ajuda a compreender melhor a noção de ser-no-mundo como existencial, ou seja, para Dardel (2011, p. 41), “Antes de toda escolha, existe esse

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

“lugar” que não pudemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana”.

E aqui, Gullar, vai falar da casa onde nasceu (que não pôde escolher) e de como alguns elementos são fundamentais para a fundação da sua existência na terra, com referências bem sutis a uma série de coisas que lhe são caras, pois como nos recorda, Bachelard (2008, p. 33), “[...] para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós”.

Mudar de casa já era
um aprendizado da morte: aquele
meu quarto com sua úmida parede manchada
aquele quintal tomado de plantas verdes
sob a chuva
e a cozinha
e o fio da lâmpada coberto de moscas,
nossa casa
cheia de nossas vozes (Gullar, 2015, p. 324).

São Luís é eternizada em versos por Gullar não por ser bonita, nem por sua geografia, tampouco por sua história, mas por ela existir e permanecer viva na sua vida. Todos esses elementos citados acima compõem a base da existência da cidade no poema. Dardel (2011, p. 14) ao comentar sobre uma cidade vem dizer que ela é “não é um espaço inerte, mas um espaço que se move, um espaço vivo”. Para que essa existência possa se transformar em realidade é preciso que haja interação entre o homem e a cidade, reverberando assim em mais uma característica da geograficidade, sendo assim uma troca mútua.

No **Poema sujo** a vinculação trabalhada pelo poeta entre homem e tempo é fundamental para o entendimento de que o tempo é indispensável para que haja cumplicidade do homem com a sua terra. Há versos que demonstram claramente que sem a dimensão

temporal não é possível ter relação alguma com espaço. Ora, para Tuan (2013, p. 12), “O lugar é uma pausa no movimento. Essa é uma relação entre tempo e lugar. A cidade é tempo tornado visível, essa é outra relação”. Como só os grandes poetas têm, Gullar fala do tempo de uma maneira bastante peculiar, exemplificando a percepção que a tarde, por conta de uma nuvem, se torna mais lenta:

É que a tarde tem muitas velocidades
sendo mais lenta
por exemplo
no esgarçar de um touro de nuvem
que ela agora arrasta iluminada
na direção do Desterro
por cima da capital (Gullar, 2015, p. 322).

Em outras estrofes, agora o eu-lírico se detém sobre o tempo, só nesse caso em específico numa escala maior: a cidade. O mundo vivido é a representatividade das experiências com o concreto, orientado por valores e significados que são por sua vez, a base para uma geografia íntima, no qual a subjetividade tem valor real.

Tuan (2013, p. 161), refletindo sobre a importância de o tempo como fundamental para o homem criar ligação com a terra, diz que: “espaço e tempo coexistem, entremesclam-se e cada um dele é definido de acordo com a experiência pessoal”. O que importa para o homem apreender o espaço são as pequenas virtudes que ele determina como fundamentais para que o espaço possa ganhar ares de lugar, e isso demanda tempo, que por sua vez só podem ser expressadas pela experiência vivida. Para o poeta, então:

É impossível dizer
em quantas velocidades diferentes
se move uma cidade
[...]
Que dizer da circulação

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

da luz solar
arrastando-se no pó debaixo do guarda-roupa
entre sapatos?
e da circulação
dos gatos pela casa
dos pombos pela brisa?
[...]
essa é a razão
por que em São Luís
donde as pessoas não se foram
ainda neste momento a cidade se move
em seus muitos sistemas
e velocidades (Gullar, 2015, p. 335-336-338).

A noção dardeliana de geograficidade, em contraste com as relações cartesianas do homem com o espaço, como nos diz Besse (2014, p. 288), quer encontrar “aspectos fenomenológicos da presença humana no mundo”, ou como afirma Holzer (2011, p. 146), “[...] se refere a essa cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem em que se realiza a existência humana”.

Mas que aspectos são esses? Que cumplicidade é essa? Como se trata de indivíduos, obviamente são aspectos subjetivos e vão variar de homem para homem. Dardel (2011, p. 81), vai nos dizer que “A geografia como experiência afetiva e desfrute estético torna-se uma expressão do homem”. Numa perspectiva semelhante, escreve Scruton (2016, p. 205), “[...] nossa experiência e nossos conceitos estão interligados, e a forma como o mundo aparece a nós será afetada pela forma como interagimos com ele”.

Sobre os jardins da cidade
urino pus. Me extravio
na Rua da Estrela, escorrego
no Beco do Precipício.
Me lavo no Ribeirão.
Mijo na Fonte do Bispo.
Na Rua do Sol me cego,

na rua da Paz me revolto
na Rua do Comércio me nego
mas na das Hortas floresço;
na dos Prazeres soluço
na da Palma me conheço
na do Alecrim me perfumeo
na da Saúde adoço
na do Desterro me encontro
na da Alegria me perco
na Rua do Carmo berro
na Rua Direita erro
e na da Aurora adormeço (Gullar, 2015, p. 329).

Ora, é possível entendermos na leitura dessa estrofe que não existe sujeito diferenciado do objeto, ou melhor, não existe Ferreira Gullar separado de São Luís, ao contrário, há aqui e durante todo o poema, uma relação de imersão, entrelaçamento vivo, inequívoco. Para se ter uma melhor compreensão do vínculo de Gullar com São Luís, expressada pelo eu-lírico acima, é preciso entender que há uma variedade de ser-no-mundo, ou seja, de como há demasiadas formas de uma mútua apreensão do homem pelo e com o espaço, portanto, é necessário ter sempre em mente, que como nos lembra Besse (2014, p. 195), “[...] é preciso reconhecer a existência legítima de várias experiências humanas da espacialidade, de várias espacialidades, em suma, é preciso aceitar a ideia da pluralidade dos mundos espaciais [...]”.

Geograficidade essa exposta pelo eu-lírico no trecho acima também pode ser compreendida nos termos em que, segundo Marandola Jr. (2012, p. 236), é “[...] afetivo, significado e indissociavelmente ligado à manifestação ontológica do ser”. A afetividade de Gullar é inegável no sentido em que, quando ele escreve esses versos, sobre suas memórias, fica notório que ele busca uma maneira em que ele e a cidade – e como vimos até agora,

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

ela representa uma teia de significados – não podem se separar, é o homem-Terra, um, precisa do outro. Os significados da experiência da realidade geográfica em que o poeta teve são frutos das suas experiências com São Luís, já que nas palavras de Silveira (2006, p. 86), “A existência é um conjunto de situações. Estamos com as coisas, com os outros homens e numa esfera de significados”.

Tuan (2013, p. 200) faz a seguinte observação: “A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas”, e é aí que a qualidade do bom poeta, a imaginação que permeia os versos, a capacidade de trazer a sua percepção para as linhas do poema que são o grande diferencial de Gullar. Há momentos em que você se sente estando em São Luís, como estivesse caminhando sobre suas ruas, compartilhando o cotidiano com o povo da cidade, degustando seus sabores, sentindo seus odores, escutando as ondas das praias quebrando na areia da praia, então a capacidade de transpor isso para leitor, é para Relph (2012, p. 24), a “capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades”. Tal relação poeta-cidade, fica perceptível nas seguintes estrofes, no qual o eu-lírico se confunde com a cidade:

(minha cidade
canora)
de trevas que já não sei
se são tuas se são **minhas**
mas nalgum ponto do corpo (do teu? do meu
corpo?)
lampeja
o jasmim
ainda que sujo da pouca alegria reinante
naquela rua vazia
cheia de sombras e folhas
Desabam as águas servidas
me arrastam por teus esgotos
de paletó e gravata

Me levanto em teus
espelhos me vejo em
rostos antigos
te vejo em meus tantos rostos
tidos perdidos partidos
refletido
irrefletido
e as margaridas vermelhas
que sobre o tanque pendiam:
desce profundo
o relâmpago de tuas águas numa
vertigem de vozes brancas ecos de leite
de cuspo morno no membro

o corpo que busca o corpo (Gullar, 2015, p. 326-327).

Ora buscando definir suas experiências em relações concretas, ora em relações subjetivas, o eu-lírico, busca na cidade de São Luís alguns elementos que a definem, por assim dizer, ou que possam caracterizá-la de alguma maneira. Certamente, Ferreira Gullar iria reunir, em seu **Poema sujo**, alguns pássaros com a cidade, numa relação afetiva muito próxima e, propondo uma identificação concreta e ao mesmo tempo subjetiva com os alguns pássaros.

Eu nunca pensara antes que havia
uma história dos pássaros
embora conhecesse tantos
desde
o **canário-da-terra** (na gaiola
de seu Neco), **arolinha fogo-pagô**
(na cumeeira da casa)
Até o **bigode-pardo**
(que se pegava com o alçapão no capinzal)
o **galo-de-campina**
parecia um oficial
em uniforme de gala;
o **anum** era um empregado
da limpeza pública;
o **urubu**, um crioulo

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

de fraque; o bem-te-vi,
um polícia de quepe
e apito na boca
sempre atarefado (Gullar, 2015, p. 316).

Mas essa é a história de pássaros
já de há muito urmanizados
pois a história dos pássaros
pássaros
só eles a entendem quando o vento
(numa lembrança)
sopra-a nas árvores de São Luís (Gullar, 2015, p. 320).

Essa ligação que o poeta cria com estas aves que voam sobre o céu da cidade é importante para que possamos entender como se desenvolvem as ligações afetivas com o lugar. Um único pássaro tem o poder simbólico de nos fazer relacionar o canto dele com a cidade. Um bem-te-vi que canta quando o sol se põe, anunciando o céu azul, pode fazer com que o homem crie e identifique essa relação com a cidade, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

o dia
que passa
– ou passou –
na cidade de São Luís (Gullar, 2015, p. 336).

Recuperar a experiência vivida é disso que se trata o **Poema sujo**, afinal, “foi assim a minha infância em São Luís (Gullar, 2013, p. 35). Scruton (2016, p. 204), atenta para um ponto importante no sentido de uma melhor compreensão da relação do homem com a terra: “[...] o lar não representa somente aquele lugar ‘de onde se começa’, mas compreende o lugar da memória sagrada, para qual os nossos

anseios retornam”. São Luís deixa uma marca indelével no poeta, porque há cidades em que os sentidos do homem devem ser apurados para que a experiência geográfica do homem seja completa, plena em realização.

E a capital maranhense é uma dessas cidades ao redor do mundo que é apta para ser degustada, ouvida, vista, tocada e cheirada, onde pode-se viver a experiência por completa, em todos os sentidos. Mais uma vez, nos apropriando de Dardel (2011, p. 34), quando ele se referindo sobre características da geograficidade, mais especificamente, sobre existência e realidade geográfica, nos diz que “A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecê-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar.”

“O espectro de minhas ações pode estar em qualquer lugar, mas o meu corpo e a minha individualidade estão aterrados em um lugar, e apenas num lugar”, diz Gullar em entrevista a Marinho (2010). Esse lugar, se compreendemos bem o **Poema sujo**, é a São Luís dos anos 1940. É essa cidade que a sua geograficidade é evidenciada através de suas memórias: o cotidiano do povo nas casas e ruas, os trabalhadores no porto e nas fábricas, a brisa que corre da Praia Grande e invade a cidade trazendo frescor, é o seu corpo que se confunde com a geografia de São Luís.

AGRADECIMENTO

Esta investigação conta com o apoio do CNPq e consiste em resultados parciais do projeto de internacionalização intitulado: “A cidade de todas as artes: a metrópole como local de cultura”. O apoio da FAPEG também foi fundamental para a realização deste artigo. ☉

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESSE, Jean-Marc. M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro, Eduerj, 2014.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 111-140.
- CALVINO, Italo. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAVALCANTE, Tiago V. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FEITOSA, Márcia Manir. A vivência do exílio em Ferreira Gullar e Miguel Torga: um olhar sobre a paisagem da memória. **Convergência Lusíada**, n. 29, p. 141-147, jan./jun. 2013.
- GULLAR, Ferreira. **Uma luz no chão**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- GULLAR, Ferreira. Poesia Sempre (entrevista), n. 2, Rio de Janeiro, **Departamento Nacional do Livro**, 1998.
- GULLAR, Ferreira. Ferreira Gullar: conversa com Ariel Jiménez. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- GULLAR, Ferreira. Entrevista concedida à Gilfrancisco Santos. Disponível em: <<http://.versoeprosa.ning.br>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.
- HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Éric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.
- HOLZER, Werther. **Ser-na-Cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar**. Pensando: Revista de Filosofia, v. 8, p. 20-32, 2017.
- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 104- 141.
- MARINHO, Samarone Carvalho. **Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica**. 336 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MELLO, João. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza: notas: cursos no Collège de France**. São Paulo, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**, Edições 70: Lisboa, 2003.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, p. 17-32, 2012.
- SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Companhia das Letras, São Paulo, 2003. p. 46-60.
- SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.193-226.
- SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde: Como Pensar Seriamente o Planeta**. Editora É Realizações. 2016.

Para recuperar a experiência vivida: a geograficidade manifestada no Poema Sujo
Mozart de Sá Tavares Júnior e Valéria Cristina Pereira da Silva

SILVA, Felipe Kevin Ramos. **Geografia e Fenomenologia**: por uma ontologia do espaço e do lugar. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia). Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2015.

SILVEIRA, María Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, n.19, p.81-91, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Space and Place: Humanist Perspective. In: BOARD, C.; Chorley, R. J.; Haggett, P.; STODDART, D. R. (eds.) **Progress in Geography**. Londres: E. Arnold, 1974. p. 211-252.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista / Space, time, place: a humanistic frame. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em abril de 2021.

Revisado em março de 2023.

Aceito em maio de 2023.